

JOSÉ RODRIGUES  
SARA AUGUSTO

VOLTAR A TI

coolbooks

## I

– Nem sabes o bem que me fazem estes momentos que passo aqui contigo, mamã! Gosto tanto dos teus mimos.

– Vai dizer isso ao teu irmão, que entra e sai sem dizer quase nada. Por ele está sempre tudo bem, nada o incomoda, não quer saber se faz chuva ou sol. Daqui a poucos meses faz 33 anos e não faz vida nenhuma ultimamente. Parece que não vive aqui nem em lado nenhum. Quem dera que tratasse da sua vida, para me descansar a alma. Aquela mulher deu cabo dele.

– Deixa, mamã. Continua com coração de menino, sabes bem que é assim. Essa tua preocupação de morreres e ele ficar cá desorientado não te deixa um minuto. Nem é adulto, nem é adolescente, nem é criança. Junta uma série de comportamentos difíceis de explicar, mas ele tem os teus genes e os do papá. Um dia destes vais senti-lo mais próximo de ti. Como eu, ele também vos ama. Tem paciência, mamã. Tenta compreendê-lo.

Pouco passava das dez da manhã, no início de mais um fim de semana em que Constança visitava os pais, em Cabeceiro. Raramente deixava de o fazer, pelo menos duas vezes por mês. Pouco faltava para completar 30 anos de idade e estava fora de casa há pelo menos 12. O seu brilhante percurso



universitário na área da informática acelerou as ofertas de emprego que nunca pararam de aparecer. Foi resistindo sempre à tentação de aceitar propostas para aplicar no estrangeiro as suas fortes capacidades no desenvolvimento de redes informáticas. Há cerca de meio ano que assumira a direção do departamento de inovação da Quantum, na sua plataforma em Portugal, liderando uma pequena e genial equipa, à qual entregava a maioria do seu tempo ao longo da semana. Sobrava-lhe a felicidade de poder quase sempre escolher como aplicava todos os minutos de vida que aconteciam entre o final de sexta-feira e domingo. A sua aldeia assumia com larga vantagem a liderança na contagem dessa unidade de tempo. Os seus pais, Noémia e José, recebiam-na como se ela nunca tivesse realmente saído de casa. O seu quarto mantinha-se exatamente igual desde que saíra para estudar, incluindo um roupeiro muito especial, feito à medida pelo seu avô, nos tempos em que ainda fazia da carpintaria o seu modo de vida. Tinha sido desenhado pormenorizadamente por ela, pouco tempo depois da sua primeira década de vida, argumentando que em breve iria ter muitos vestidos, a sua peça de roupa favorita. Assim sendo, não poderia ser um armário feito de qualquer maneira ou igual a muitos daqueles que se compram numa loja de móveis por aí. Pediu ao avô, na altura, uma peça de mobiliário que ocupasse toda uma parede lateral paralela à cama, com quatro portas de cores diferentes, equivalendo cada uma delas a uma das estações do ano. Ainda que tivessem passado duas décadas desde a construção do roupeiro e uma desde a morte do avô, as cores mantinham-se vivas. Na porta verde, roupa de primavera e vestidos. Na vermelha, alguma roupa de verão e muitos vestidos. Na

porta laranja, os casacos empatavam com os vestidos. E na porta azul de inverno, muitas camisolas de lã e apenas um ou dois vestidos de cerimónia. A enorme peça de mobiliário, bem como todo o seu conteúdo, funcionava como mais um forte elo de ligação entre o seu passado e o seu presente. Muitas das vezes, fazia questão de não levar para o apartamento onde vivia, e que partilhava com Guilherme, lá no Porto, muita da roupa de que precisava no seu dia a dia. Assim, mais uma razão teria para visitar a sua casa, em Cabeceiro. Como sempre que chegava, e esta manhã de sábado não foi exceção, depois de dois dedos de conversa com Noémia e de roer um diospiro e duas castanhas cruas, subiu os 12 degraus que a levavam ao seu quartel-general de portas coloridas, sem se aperceber da ultrapassagem de *Monsenhor*, o gato amarelíssimo da casa, que fazia questão de mostrar que precisava de se estender na cama segundos antes de Constança.

– *Monsenhor*, tão gordo que tu estás! Passas a vida a comer e a dormir, aposto. Não há sardaniscas nem ratos no quintal para te fazerem correr?

Sentada na beira da cama e parecendo esperar que o animal lhe respondesse, foi acariciando o felino enquanto este se estendia de barriga para cima, ronronando como se não houvesse amanhã. Ouviu José no quintal, onde passava quase todo o dia, levantou-se e abriu a janela, não sem antes o tigre de Cabeceiro se ter sentado ao seu lado no peitoril.

– Papá, já cheguei! Com quem gritavas?

Talvez gritasse com o diospireiro escorregadio do qual tentava recolher alguns frutos para colocar dentro de uma bacia vazia, há pouco utilizada por Noémia para estender a roupa. Acenou e sorriu a Constança, enquanto no meio de

um: «Olá filha, fizeste boa viagem?», foi mostrando uma alegria introvertida por ter a sua menina em casa novamente, duas semanas depois da última visita. José e Noémia tinham feitos muito diferentes, sobretudo na forma de exporem o que sentiam. A mãe era mais extrovertida. O pai mostrava-se menos e nunca tinha revelado um só segundo de um comportamento diferente.

Luís ainda dormia. O irmão de Constança passava por dificuldades, sobretudo consigo mesmo. Não conseguia ultrapassar o fim de uma relação prolongada com uma mulher mais velha com quem vivera, e que o tinha, há muito poucas semanas, posto de lado, trocando-o por um rapaz bastante mais novo do que ele. Na verdade, ao contrário da irmã, Luís foi-se deixando ficar aos poucos, desde que resolvera parar de estudar após a conclusão bem-sucedida do ensino secundário. Fê-lo achando que a sua capacidade para consertar tudo o que fosse movido a eletricidade lhe asseguraria um futuro suficiente, pensando que os biscates que lhe apareciam seriam mais do que suficientes para apresentar um certo nível de vida ao lado da pessoa que amava. Surpreendeu-se quando ela o deixou, apresentando a falta de ambição dele como motivo principal para a separação. José e Noémia, na verdade, achavam que mais tarde ou mais cedo ela o deixaria e acolheram-no em casa. O trabalho dos pais e irmã era agora o de tentar ajudá-lo a recuperar emocionalmente, e fazer com que aparecessem um conjunto de coisas que o fizessem voltar à vida, principalmente estudar. Luís possuía um conjunto de competências e capacidade intelectual mais do que suficientes para que a família não desistisse dele; no entanto, a fragilidade emocional em que ele se encontrava impedia

a utilização de muitas das técnicas de incentivo, sobretudo quando essa fragilidade resultava de um amor que tinha fracassado e o tempo, argumento quase sempre valioso, era ainda muito pouco depois do fim.

Era o segundo sábado de mais um mês de novembro e desde finais de outubro que Constança não punha os pés em Cabeceiro. O sol e a temperatura deste dia asseguravam que, em rigor, ninguém poderia afirmar com certeza que o verão já teria ido completamente embora. O inverno, habitualmente rigoroso nesta aldeia do Interior Norte, iria certamente demorar mais um pouco a chegar, ao contrário da adolescência de Constança, que quando chegou uns anos antes parecia ter vindo para ficar, tal o tempo que durou no seu coração. E ainda bem. Não é difícil acontecer por aí as crianças serem transformadas diretamente em adultos, sem a mínima possibilidade de conseguirem sequer um dia ou até mesmo algumas horas de adolescência. Tal como a primavera que quase não existe. Tal como as flores que abrem rapidamente no primeiro sopro de verão, sem conhecerem uma temperatura amena ou um sol tímido. Uma pétala bruta é muito diferente de uma pétala meiga. E Constança era assim. Meiga. Talvez por nunca lhe ter faltado adolescência e primavera. E fazia questão, mesmo a comemorar uma dúzia de anos em cima da maioridade (talvez a palavra trinta seja feia), de recarregar o seu coração de primavera e de adolescência. E ser raro é encher o órgão vital de tudo o que faz escarrapachar um sorriso sem motivo. Morria por fugir, sempre que podia, das redes informáticas que lhe enchiam a cabeça de números. Quando conseguia, não demorava muitas horas para que chegasse a Cabeceiro e rapidamente enchesse os pés de água

da rega, enquanto os seus pais enchiam a alma só pelo simples facto de a verem por ali, mais uma vez. Todos temos um refúgio, um lugar onde vamos parar quando a nossa cabeça fica cheia de alguma coisa. Para Constança, a aldeia de Cabeceiro e a casa dos seus pais eram mais do que uma central de esquecimento laboral. Era adolescência e quase sempre primavera, onde mesmo sem nenhum mortal as conseguir ver brotavam peónias e magnólias em quantidades colossais, em quase todos os cantos daquele quintal tratado com tanto cuidado. Não podiam ser outras flores, tinham de ser flores raras, como ela era também.

Quando a uma manhã de sol de outono se juntam memórias dos melhores dias de uma adolescência feliz, vai parecer sempre que a primavera nunca deu lugar a nenhuma outra estação do ano.

A casa esteve muitos anos por pintar, depois de ter sido terminada de construir em meados da década de 90. José e Noémia compraram aquele terreno por 25 contos em 1979 e de imediato começaram a construir a casa, terminando-a antes de Luís nascer. Quando começou a andar, já o quintal era o maior motivo de orgulho do seu pai. Reformou-se cedo, depois de um grave acidente de trabalho na construção civil, que lhe levou uma parte importante da visão, sequela de um forte traumatismo craniano, originado por uma queda. Junto à sua pensão uma pequena reforma que trouxe de França, por alguns anos de serviço que lá prestou. Foi dando para viver, sem grandes luxos, mas sempre com uma mesa farta. Noémia aproveitava alguns meses do ano para vender as flores que se espalhavam em todos os cantos do quintal. A certa altura, pouco tempo depois de Constança nascer, resolveram



que o branco seria definitivamente a cor escolhida para a pintura da casa. De uma só levada, construíram igualmente uma loja para animais, bem ao fundo do quintal, onde criavam um porco e meia dúzia de galinhas, patos e coelhos. Entre a casa e a loja, um espaço relativamente grande com meia dúzia de laranjeiras encostadas umas às outras, onde só a do fundo e de folhas mais arredondadas tinha laranjas doces. O quintal encontrava-se dividido em dois por um carreiro de terra batida que começava imediatamente a seguir à parede traseira da casa. Do lado direito, em direção à loja, uma pequena figueira de figos pingo de mel e um conjunto de terra que quase tudo dava ao longo do ano, na maioria das vezes culturas que dependiam do estado de espírito de José, como couve-lombarda, alface e cenouras quase sempre tortas e feias. De vez em quando experimentava, por teimosia de Noémia, chuchus e curgetes, com a desculpa de serem bons para a sopa. Do lado esquerdo, feijão-manteiga, e um batatal mais do que suficiente para o ano inteiro. Ao fundo, do mesmo lado, um imponente diospireiro, resultado de uma semente rara que tinham trazido de França. Notavam-se, logo após os primeiros dias em que amadureciam, principalmente nos do topo da árvore, algumas bicadas de melros que constantemente paravam por ali. Por mil vezes Constança ouviu o pai dizer que os primeiros melros que chegaram a Portugal teriam vindo da Suécia, e que quando cá chegaram gostaram tanto do nosso sol que resolveram morar nos terrenos onde existissem vermes, bagas e pessoas com corações grandes. Constança ainda hoje acreditava que a quantidade de melros que via sempre por ali aconteceria pelo último motivo, uma vez que vermes e bagas eram coisas que não existiam em Cabeceiro, e muito

menos naquele seu quintal. O portão principal da casa estava virado para uma estrada secundária com cerca de mil metros de distância da estrada principal de acesso à Vila de Cabril, 30 quilómetros depois. De fora para dentro, entrando pelo portão, um espaço ocupado por um enorme azevinho contíguo à frente da casa. Mesmo sendo proibido o seu corte, abastecia quase todos os arranjos de Natal, cortesia de Noémia à vizinhança. Duas portas de entrada, ambas em madeira. Do lado esquerdo, a entrada principal, com um limoeiro e um pessegueiro de pêssegos carecas, no pedaço de terreno à esquerda, e um baloiço com duas cadeiras gastas a dividir a sombra de ambos. Do lado direito, a entrada pela cozinha, a porta maioritariamente usada para entrar e sair. Por todo o quintal, flores. Muitas flores. Não se pode dizer que existisse um metro só de terreno vazio. Tinham passado poucos dias depois dos finados e quase todas as pessoas pediam flores a Noémia, para serem colocadas nas campas dos mais próximos. Uma extensão razoável de gipsófilas e rosas ajudavam a senhora a conseguir satisfazer todos os pedidos que lhe faziam.